

Mãos de vento e olhos de dentro

Joaquim

Lô Galasso | Ilustrações: Aída Cassiano

Manual do Professor

Um dos principais objetivos da escola é formar leitores competentes, autônomos e críticos. Essa é uma premissa bastante conhecida pelos professores, a qual, entre outros fatores, significa formar leitores que saibam ler para além do que está explícito e se posicionem criticamente frente ao lido. Diante de tarefas tão exigentes, o que a escola pode fazer? A resposta não é simples, é multifacetada, e a diversidade de propostas de leitura que fazem parte da rotina de uma sala de aula pode contribuir para uma formação plena e fincada na construção de sentidos. E a literatura, que lugar ocupa nessa tarefa? Podemos afirmar que ela tem um lugar privilegiado e pode ser uma grande aliada nesse processo.

Nesse sentido, destacamos uma dentre as nove Competências Específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, previstas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC): “Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura” (2017, p. 85).

Para entendermos melhor a potência da literatura, partimos do pressuposto de que literatura é arte, e, como tal, problematiza sua matéria-prima – a linguagem –, trazendo como pano de fundo questões humanas. Temos nas obras literárias um uso da linguagem não pragmático, que vai além do serviço da comunicação. Uma linguagem que produz efeitos de sentidos diversos, que incomoda, desconcerta, nos move para outros lugares e nos apresenta outros jeitos de pensar o mundo.

Com base nessa premissa, a escola pode organizar, em sua rotina, diferentes momentos de contato com as obras literárias e os leitores, sabendo que é na constância, na leitura frequente, nas diferentes maneiras de encaminhar a leitura e nas trocas de experiência de leitura que se forma o leitor literário. Para tanto, porém, é necessário um equilíbrio entre pelo menos três eixos de trabalho: a leitura em voz alta feita pelo professor, a leitura autônoma do aluno e a leitura cuja tônica é ler com outros leitores. Nesse último eixo, muitas modalidades de leitura podem ser consideradas, como a roda de apreciação, a roda de empréstimo de livros, o clube de leitores e as sessões simultâneas de leitura.

A diversidade de propostas de leitura literária, com objetivos e encaminhamentos diversos, contribui fortemente para os alunos terem um contato significativo com as obras e desenvolverem comportamentos leitores típicos dessas situações. Delia Lerner (2002)

trata os comportamentos leitores como conteúdos que os alunos precisam aprender nas situações de leitura. Alguns deles são: comentar o que está lendo com os outros; compartilhar a leitura com outros; recomendar livros ou outras leituras que considera interessante, valiosa; comparar o que leu com outras obras do mesmo autor ou de outros autores; confrontar com outros leitores as interpretações geradas por uma leitura; realizar a leitura de maneira que acompanhe um autor preferido; fazer antecipações sobre o sentido do que está lendo e tentar verificá-las; quando detectar alguma incongruência, reler um fragmento anterior para averiguar se compreendeu o que foi lido.

A proposta deste Manual para a obra a ser trabalhada, **Mãos de vento e olhos de dentro**, é a realização de uma leitura em voz alta e compartilhada, aquela em que os alunos acompanham a leitura do professor com o livro em mãos. A decisão da modalidade está diretamente relacionada às competências leitoras dos alunos em conseguir acompanhar a obra. Vale ressaltar, porém, que a prática de acompanhar a leitura também se aprende. Por meio dela é possível discutir com maior profundidade questões ligadas ao conteúdo e à forma do livro, lembrando que na literatura ambos são indissociáveis.

Um trabalho consistente de formação do leitor literário na escola, portanto, possibilita desenvolver competências orientadas pela BNCC. Dessa forma, as atividades propostas neste Manual pretendem, em diferentes medidas, desenvolver as seguintes competências gerais: valorizar as diversas manifestações artísticas e culturais, ampliando o repertório cultural dos alunos; utilizar diferentes linguagens, melhorando a comunicação deles; argumentar com base em fatos, dados e informações; conhecer-se, compreender-se na diversidade humana e apreciar-se (BNCC, 2017, p. 9-10). Outro objetivo é reforçar o trabalho do eixo Leitura/Escuta do campo Artístico-literário por meio da habilidade EF15LP15: “Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade” (BNCC, 2017, p. 95).

ANTES DE LER O LIVRO

Mãos de vento e olhos de dentro, obra de Lô Galasso, ilustrada por Aída Casiano, é destinada a alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental, com linguagem e temática bastante aderentes a essa etapa da infância. Trata-se de uma obra do gênero novela, cujo enredo tem como marca o desenvolvimento da relação de amizade entre duas crianças, Lia – que é cega – e Tico. Juntos, eles brincam e trocam experiências sem que, a princípio, Tico perceba a deficiência visual da amiga. Com uma trama instigante, a autora trata do tema de maneira leve e cativante, considerando a perspectiva da personagem cega e ampliando o olhar sobre o assunto: *o que é, afinal, enxergar?*

A novela apresenta maior extensão do que um conto direcionado à faixa etária, com ações narrativas que abarcam: a chegada de Lia a uma nova cidade; o período de solidão e adaptação; a descoberta do céu e dessa nova amizade; a revelação da condição especial da amiga; o reencontro com a menina e a nova brincadeira com as mãos; a mudança de Lia; o “luto” de Tico; o recebimento da carta, que consolida a amizade entre os dois; e o amadurecimento dos personagens. A mãe do menino também tem presença importante na história, representando a parte do núcleo familiar em relação à qual o menino se emancipa emocionalmente, afinal, para Tico, a cegueira da amiga é apenas uma condição, dispensando a tristeza e os olhares piedosos.

Dessa forma, o livro enquadra-se no tema Família, amigos e escola, podendo colaborar com as práticas inclusivas na escola, reafirmadas na BNCC como “compro-

misso com os alunos com deficiência, reconhecendo a necessidade de práticas pedagógicas inclusivas [...]” (p. 16).

Além disso, a obra se configura como um ótimo instrumento para “o exercício da empatia e do diálogo, tendo em vista a potência da arte e da literatura como expedientes que permitem o contato com diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, o que contribui para reconhecer e compreender modos distintos de ser e estar no mundo e, pelo reconhecimento do que é diverso, compreender a si mesmo e desenvolver uma atitude de respeito e valorização do que é diferente” (BNCC, 2017, p. 137).

A autora do livro, Lô Galasso, é formada em Ciências Sociais, doutora em Saúde Pública, docente do Senac-SP e dedicada, há anos, à literatura infantojuvenil. A ilustradora Aída Cassiano é arquiteta e trabalha com *design* gráfico, ilustração, animação e pintura em cerâmica.

Motivação para a leitura/escuta

Se possível providencie um tapete e algumas almofadas para criar um ambiente aconchegante em um canto da sala de aula e peça aos alunos que se acomodem. Assim eles podem fruir melhor o momento de ouvir e de imaginar as histórias.

Sempre antecipe sua leitura – estratégia esta comumente utilizada por todo leitor proficiente.

1. Em geral, há muitas maneiras de apresentar um livro. Uma delas é compartilhar os motivos pelos quais a obra foi escolhida assim que comunicar a leitura à turma. Explicitar os motivos favorece uma aproximação por parte dos alunos e a aprendizagem de comportamentos leitores típicos dessas situações, dando-lhes a oportunidade de também comunicar suas preferências literárias.
2. Contextualize a obra compartilhando informações sobre a autora, a ilustradora e o assunto que será abordado nela, relacionando os dados do livro com os de outros já conhecidos pelos alunos.
3. Em seguida, explore os elementos visuais da capa e o título do livro, ajudando os alunos na formulação de hipóteses sobre o conteúdo da história que será contada. Para isso, você pode perguntar:
 - Mãos de vento? Olhos de dentro? Com base no título do livro, como vocês imaginam que será a história dele?
 - Observando as mãos das personagens ilustradas na capa, o que vocês notam?
 - Essas imagens que vocês estão analisando ajudam a pensar na história do livro? Que relação vocês acham que elas têm com o título dele?
4. Agora, leia o texto da quarta capa aos alunos. Em seguida, pergunte-lhes:
 - Como vocês imaginam que a amiga de Tico enxerga?
 - Qual seria essa “maneira diferente” de ver?
 - E qual seria a nova brincadeira dos dois amigos?

■ DURANTE A LEITURA

Prepare a leitura do livro com antecedência, ajustando o ritmo do texto e explorando a entonação, pois essa é uma estratégia fundamental quando queremos que a leitura ganhe “vida” em sala de aula. Com um toque pessoal de leitor experiente, planeje as paradas, o suspense que criará e a emoção que imprimirá em determinadas passagens da história, objetivando envolver cada vez mais os alunos no enredo.

A proposta de leitura para **Mãos de vento e olhos de dentro** é ler de uma só vez. A depender do fôlego dos alunos, caso perceba que eles não conseguem se concentrar por muito tempo, divida a leitura em duas partes. Neste caso, sugerimos que a interrupção seja feita quando a mãe de Tico revela que a amiga dele é cega (p. 16). Assim, é possível criar uma atmosfera de suspense quanto à reação do personagem e instigar certa expectativa sobre o que acontecerá.

Evite fazer interrupções muito longas durante a leitura. Procure não pular partes nem modificar trechos por julgá-los de difícil compreensão. Os alunos precisam ter contato com a história tal como foi escrita, a fim de ampliar possibilidades de interpretação e o próprio repertório literário. Caso opte por dividir a leitura em dois momentos, sugerimos que dê continuidade na aula seguinte. Então, retome oralmente os elementos principais do enredo e peça aos alunos que comentem suas impressões iniciais. Proponha-lhes que antecipem o que está por vir por meio de perguntas, como:

- Como vocês acham que Tico vai reagir ao saber que Lia não enxerga? O que vocês acham que ele sentiu? Por quê?
- Vocês acham que essa descoberta vai mudar algo na amizade deles?

Finalize a leitura e organize a turma em um grande círculo para dar início à roda de conversa.

■ DEPOIS DA LEITURA

O texto e o contexto

Após a leitura, organize uma roda de conversa com o intuito de abrir um espaço de intercâmbio entre os leitores, o que é fundamental quando se tem como objetivo formar uma comunidade de leitores na escola. Teresa Colomer (2005) e Aidan Chambers (2008), especialistas da área, afirmam que conversar sobre o texto lido é continuar lendo. Isso significa que é na interação com o outro, no confronto de opiniões e interpretações diferentes, que o leitor aprofunda sua compreensão. Nesse processo é importante verificar se as ideias inicialmente levantadas pelos alunos estavam de acordo com a história e como elas se aproximaram ou distanciaram dos episódios narrados. Vale ressaltar que não se espera uma antecipação “correta” dos acontecimentos, a proposta é conversar sobre os elementos que contribuem para a antecipação e analisar quais pistas ajudaram a chegar mais próximo do enredo.

1. Inicie a conversa com os alunos contemplando as impressões pessoais de cada um deles. Tendo como base os comentários iniciais será possível lançar luz aos aspectos que se quer discutir. Segundo Cecília Bajour (2012), os livros oferecem “chaves” para apreciá-los, ou seja, algo que se destaca e que merece ser

foco de conversa. Algumas possibilidades de apreciação da narração a partir dos comentários iniciais dos alunos podem surgir com as seguintes questões:

- O que vocês tinham imaginado antes de ler a história?
- Depois da leitura do texto, o que se aproximou e o que se distanciou do que vocês tinham imaginado?

2. Retome o trecho da história em que Tico descreve a Lia o formato que ele enxerga em cada nuvem:

– Olha lá! – o Tico disse, apontado para o céu. – Ali, na direção do fio... Viu? Um dragão deitado de costas! E, um pouquinho mais para a esquerda, em cima da nuvem fininha, um gato todo espichado! E uma foca de perfil!

Animada, Lia concordava com a cabeça e ia repetindo:

– Um dragão deitado de costas, na direção do fio... Viu? Um gato todo espichado, uma foca de perfil... (p. 10)

Então, pergunte aos alunos:

- Neste trecho, a autora nos ofereceu pistas para percebermos que Lia não enxergava? Quais?
- O trecho aqui citado nos ajuda a entender o motivo de Tico não ter percebido que a amiga era cega?

Espera-se que os alunos respondam que a autora não ofereceu pistas para que notássemos que Lia não enxergava e que o trecho citado ajuda o leitor a entender por que Tico não percebeu que a amiga era cega. Como a menina concorda com a cabeça e repete o que Tico diz estar vendo nas nuvens, nem o menino nem os leitores desconfiam que ela é cega, pois essa atitude dá a impressão de que ela está vendo, sim, as nuvens.

3. A seguir são oferecidas diversas abordagens como possibilidades de caminhos para a apreciação da história. Tome cuidado para não burocratizar essa conversa e transformá-la em um questionário. Por isso, não faça todas as perguntas de uma vez. De acordo com as impressões dos alunos e o rumo da conversa, selecione as perguntas que melhor se adequem às necessidades deles. Ouvir o que os alunos têm a dizer é a maneira mais acertada de ajudá-los a compreender e apreciar o enredo. Pergunte-lhes:

- O que será que Tico pensou quando soube que Lia era cega?
- Se estivessem no lugar de Tico, como vocês reagiriam a isso? E em relação à Lia, vocês conseguem imaginar como ela se sentiu?
- Vocês já brincaram de identificar formas nas nuvens? Como foi?
- O que vocês acharam do final da história?

Interpretação do texto

Para aprofundar a compreensão leitora dos alunos, podemos lançar perguntas que se referem a personagens, cenário, tempo e lugar da trama. O foco dado aqui são os personagens e suas ações, para que o aluno possa utilizar a localização de informações explícitas no texto e a inferência ao responder às questões. Localizar e inferir são

habilidades de leitura que favorecem os alunos ao entendimento do que está e do que não está explícito na história, contribuindo para ampliação das competências leitoras.

1. Lia afirmou a Tico que conseguia enxergar, sim, as formas das nuvens. Releia o trecho a seguir com os alunos e pergunte-lhes como isso era possível.

– Eu sou cega, sim, e daí? Você, que não é cego, não demorou um tempão para enxergar que eu sou cega? Então... Eu só não enxergo com os olhos de fora, mas posso enxergar tudo o que quiser com os olhos de dentro: com as minhas mãos, com a minha imaginação... Eu juro que enxerguei todas as figuras que você me mostrou, Tico! (p. 23)

Espera-se que os alunos infiram do trecho apresentado que Lia não podia enxergar as nuvens com os olhos, mas, com base no que o amigo lhe descrevia, conseguia imaginar formatos para elas usando sua criatividade. Sua imaginação era, portanto, seus “olhos de dentro”.

2. Tico ajudou Lia a enxergar as formas das nuvens de jeitos diferentes. Pergunte aos alunos como ele fez isso. Espera-se que eles respondam que Tico resolveu moldar figuras usando barro para a amiga adivinhar o que eram, assim ela poderia sentir os formatos com as mãos, e não apenas com a imaginação.
3. Tico afirmou que ficou triste ao saber que sua amiga não enxergava. Pergunte aos alunos:
 - Qual era o real motivo da tristeza de Tico?
 - O que aconteceu na história para que Tico melhorasse, ou seja, não mais se sentisse triste com o ocorrido?

Instigue os alunos a perceberem que Tico não ficou triste porque a amiga era cega, mas sim porque ela não contou sobre sua deficiência e porque ele achou que a amiga mentia para ele quando dizia estar vendo as nuvens.

4. Retome com os alunos o título da obra e pergunte-lhes se agora é possível entender melhor o significado de “mãos de vento e olhos de dentro”. É importante que eles identifiquem que a resposta para essa questão está no poema das páginas 30 e 31. Lia cria a expressão “mãos de vento” porque, segundo Tico, quem cria as figuras das nuvens do céu é o vento; como o menino passa a criar figuras no barro usando suas mãos, a menina lhe chama de “mãos de vento”. Para assinar o texto poético que escreveu, Lia se autodenomina “olhos de dentro”, fazendo uma referência ao fato de ela não enxergar com os olhos físicos, mas sim com o que há dentro dela, ou seja, a imaginação.

Linguagem

A proposta a seguir é chamar a atenção dos alunos para alguns recursos linguísticos utilizados ao longo do texto e propor-lhes uma reflexão sobre os efeitos de sentido que tais recurso produzem. Seleccionamos um efeito gráfico utilizado pela autora – o de colocar em *itálico* algumas palavras – com o intuito de discutir o motivo pelo qual ela o empregou no texto.

1. Peça aos alunos que observem a palavra destacada em *itálico* no trecho a seguir.
 - Mãe, dá para parar com a *perguntaria*? (p. 9)

Pergunte-lhes: “Por que vocês acham que a palavra ‘perguntaria’ tem esse des-

taque no texto?”. Espera-se que os alunos percebam que “perguntaria” se refere à série de perguntas que a mãe de Tico faz ao menino e que o termo está em itálico porque é uma palavra inventada por ele, que não existe no dicionário. Se achar oportuno, consulte com os alunos um dicionário para comprovar essa resposta.

2. Mais adiante, na página 13, aparece novamente uma palavra em destaque (itálico) na história. Pergunte aos alunos:
 - Qual é a palavra que está destacada no texto da página 13?
 - Por que esta palavra está vindo com destaque?
 - Como essa palavra se relaciona ao que foi estudado na atividade anterior?

Espera-se que os alunos identifiquem que a palavra em destaque na página 13 é “perguntação” – que se relaciona diretamente com o termo “perguntaria”, pois ambas derivam-se do mesmo vocábulo, isto é, de “pergunta” – e que notem que esta palavra, assim como o termo da página 9, se refere à série de perguntas que dona Dora faz a Tico. Se achar interessante, volte a consultar um dicionário com os alunos, para que eles percebam que “perguntação” também é uma palavra inventada pela personagem.

3. Novamente a autora utiliza o destaque, quando Lia confirmou para Tico que ela enxergava, sim, as figuras.

Porque eu *enxergo* as figuras, ora... Só por isso. (p. 20)

Pergunte aos alunos: “Por que vocês acham que a autora destacou a palavra *enxergo*?”. Espera-se que eles percebam que neste caso, diferentemente dos anteriores, a palavra não foi inventada. Se achar necessário, oriente-os a procurar o verbo “enxergar” no dicionário e explique-lhes que “enxergo” é uma conjugação desse verbo. Aproveite a busca para levá-los a entender que esse verbo faz referência à percepção pela visão, que é um sentido geralmente ligado aos olhos. Porém, no caso dos cegos, a visão ocorre de maneira diferente – na história lida, Lia enxerga através da imaginação –, por isso o destaque na palavra.

4. Leia para os alunos o seguinte trecho:

Com a mudança da Lia, o Tico ficou tão murcho de tristeza que por muitos dias desistiu da velha brincadeira de todas as tardes. Depois de fazer a lição de casa, ele deitava no sofá e adormecia com a televisão ligada. (p. 28)

Peça aos alunos que observem como Tico ficou: murcho de tristeza. Pergunte-lhes:

- O que significa ficar murcho de tristeza?
- Vocês descreveriam esse sentimento de outro jeito?

Se achar interessante, consulte com os alunos a palavra “murcho” em um dicionário e, depois, converse com a turma a respeito dos significados encontrados: sem vida; apagado; caído; triste; etc.

Bate-papo e pesquisa

1. Nesta seção, a proposta é que os alunos façam uma pesquisa relacionada ao tema: “Arte feita por pessoas com deficiência visual”.
2. Sugira-lhes que pesquisem sobre artistas (ou grupos de artistas) cegos ou com algum tipo severo de deficiência visual. Aqui apresentamos alguns exemplos:

- **Música:** Maroca, Poroca e Indaiá (as irmãs cegas de Campina Grande); Blind Sound Orchestra; Ray Charles; José Feliciano; Stevie Wonder.
 - **Teatro, cinema ou televisão:** Danieli Haloten; Peter Vaughan; Edgar Jacques.
 - **Escrita:** Helen Keller; Luís de Camões; Jorge Luis Borges.
 - **Dança:** Cia. Ballet de Cegos (de São Paulo).
 - **Fotografia:** João Maia; Evgen Bavcar.
 - **Artes visuais:** John Bramblitt; Esref Argaman; Sargy Mann.
3. Além de dar visibilidade aos artistas, o intuito dessa pesquisa é fazer com que os alunos, como o personagem do livro, percebam que há muitas formas de ver e se comunicar além das ditas “normais”.
 4. Ao final da pesquisa, proponha a apresentação oral dos trabalhos da turma e sugira a realização de uma exposição na escola sobre o tema estudado.

Para saber mais

Conforme definição da Secretaria de Comunicação Social (Secom):

Deficiência visual: é a perda total ou parcial, congênita ou adquirida, da visão. Assim, há dois grupos de deficiência.

Cegueira: quando há perda total da visão ou pouquíssima capacidade de enxergar.

Baixa visão ou visão subnormal: caracteriza-se pelo comprometimento do funcionamento visual dos olhos, mesmo após tratamento ou correção.

SECOM. Disponível em: <www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/redacao-e-estilo/estilo/linguagem-inclusiva>. Acesso em: 22 abr. 2018.

Existem muitas informações a respeito de pessoas com deficiência visual.

Aqui apresentamos alguns *links* que podem ampliar as informações a respeito do assunto:

- Apostila de Atendimento Educacional Especializado (do MEC)
Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aeedv.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2018.
- Estatística de deficientes visuais
Disponível em: <www.fundacaodorina.org.br/a-fundacao/deficiencia-visual/estatisticas-da-deficiencia-visual/>. Acesso em: 13 abr. 2018.
- Organização nacional de cegos do Brasil
Disponível em: <www.oncb.org.br/node/7/>. Acesso em: 13 abr. 2018.

Além da internet, outros meios de obtenção de notícias, como revistas, jornais e livros, poderão ser utilizados neste momento. Com as informações obtidas, organize o registro das descobertas que farão parte da exposição sugerida na próxima seção.

Produção de texto

1. Proponha uma situação de produção de escrita coletiva. Esta atividade oferece uma oportunidade a mais de a turma avançar na discussão sobre os temas disparados pelo livro.
2. A sugestão é uma escrita de autoria, na qual os alunos imaginam em conjunto um novo final para a história. A parte inventada, porém, precisa estar coerente com a trama original.
3. Para a proposta ter ainda mais significado, é fundamental definir com os alunos o destinatário dessa produção, isto é, quem vai ler o texto criado por eles. Podem ser os colegas de outra classe ou de outra escola, os professores e os funcionários da escola, a família, entre outros que eles queiram escolher. O importante é definir o receptor do texto antes do início do trabalho para que, durante a produção, o destinatário seja considerado.
4. Sugere-se que a produção seja realizada por meio de ditado ao professor; em outras palavras, os alunos ditam para você escrever.
5. Antes de iniciar o ato de escrever é necessário planejar o que vai ser escrito. Neste caso, considere o planejamento coletivo do conteúdo temático, ou seja, “o que” vai acontecer no final da história e “como” esses acontecimentos vão aparecer no texto. Em síntese, as discussões do planejamento precisam girar em torno de dois aspectos: o que vai ser escrito e como.
6. Para a textualização, alguns cuidados são importantes: escreva na frente de todos os alunos; respeite o que eles falam, registrando exatamente a forma ditada; quando os alunos ditam uma parte da história e não a forma como ela é contada, faça intervenções pedindo-lhes que ditem como se tivessem lendo o texto, ou seja, utilizando a linguagem escrita própria da história; releia o que já foi escrito para controlar a escrita e pensar no que falta escrever; volte ao planejamento para verificar se foi registrado tudo o que eles tinham pensado.
7. Depois do texto produzido, é importante realizar coletivamente a revisão. Para isso, selecione os aspectos que serão revisados, como: a falta de sentido em certas situações; partes confusas; a pouca relação entre a parte inicial e o enredo da história; os elementos coesivos de linguagem, como a pontuação e os conectivos.
8. Para disparar a produção textual, sugerimos que a parte do livro a ser modificada seja o último parágrafo, depois que Tico recebe o caderninho de Lia pelo correio, antes de os leitores saberem que ele virou escultor e professor. Outra sugestão é planejar a reescrita a partir do ano seguinte da partida de Lia (momento este em que a carta chegaria a Tico). Pergunte-lhes: “Quais novidades a carta poderia trazer?”.

Fazendo arte

1. A proposta desta atividade é oferecer aos alunos a vivência de uma experiência parecida com a dos personagens do livro.
2. Em um dia de sol e com nuvens, leve os alunos até a parte externa da escola e proponha-lhes que olhem para o céu na tentativa de fazer a relação delas com objetos, animais, plantas, pessoas, etc. Comente com eles que isso é um exercício de imaginação.

3. Em seguida, forme duplas e disponibilize argila ou massinha de modelar a todos os alunos. Com o auxílio do professor de Arte, peça-lhes que modelem as formas que observaram no céu.
4. Sugira a um aluno de cada dupla que fique vendado e tente adivinhar a forma vista e modelada pelo colega. É possível que os alunos apresentem dificuldades no momento de adivinhar com os olhos vendados, pois o tato, assim como os outros sentidos, é mais bem desenvolvido e explorado pelas pessoas cegas, como a personagem Lia.
5. Neste momento da atividade, permita que os alunos “mãos de vento”, ou seja, que representam o papel de Tico, deem dicas aos colegas “olhos de dentro”, isto é, os alunos que representam o papel de Lia. Sugira-lhes depois que troquem de papel a fim de exercitar a empatia e reforçar o vínculo e a confiança entre as duplas.

Exposição

1. Em decorrência do trabalho desenvolvido na seção Fazendo arte e da leitura das informações sobre pessoas com deficiência visual apresentadas neste Manual, peça a ajuda do professor de Arte para organizar uma exposição com todas as descobertas feitas pela turma.
2. Solicite aos alunos que pesquisem e elaborem uma lista com alguns procedimentos que se deve ter ao se deparar com um deficiente visual e seu cão-guia. Há diversos *sites* de confiança que dão explicações e dicas a respeito desse assunto. Por exemplo: <<http://gidev.org.br/guia.htm>>. Acesso em: 1º maio 2018.

Referências bibliográficas

- ANDRUETTO, Maria Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- CHAMBERS, Aindan. Hachas para surfar mares helados. In: _____. *Conversaciones: escritos sobre la literatura y los niños*. México: FCE, 2008.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2005.
- _____. *Siete llaves para valorar las historias infantiles*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2002.
- FONSECA, Edi. *Interações: com olhos de ler*. São Paulo: Blucher, 2012. (Coleção InterAções).
- LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.